

Turbulências num céu de brigadeiro



MAURÍCIO CORRÊA

Advogado

O IBGE anunciou dias atrás que o crescimento da economia nacional foi de 5,8% no primeiro trimestre do corrente ano, considerado o mesmo período do ano passado. Só teria sido inferior ao desempenho do quarto trimestre de 2007, quando o país teve expansão de 6,2% em relação a 2006, que foi de 1,6%, portanto bem menor. Os índices registrados pelo PIB do país apresentaram ligeiro aumento ao longo dos últimos dois anos, o que levou o governo a comemorar o fato, sobretudo levando em conta a estagnação que até há pouco tempo dominou os rumos da economia.

As exportações de commodities responsabilizaram-se em grande parte pelo sucesso desses números, agora prejudicados com a acentuada queda do dólar. Com a moeda americana aviltada, o resultado é que o ingresso de divisas diminuiu. Mesmo assim, as exportações catapultaram o volume da entrada de recursos no país. Nestes últimos dias, entretanto, conforme salienta o IBGE, o crescimento do PIB, no período, teve como causa de aceleração o aumento do consumo das famílias, a melhoria de renda, o menor desemprego e a expansão do crédito e de investimentos. Esses e outros fatores fizeram com que houvesse crescimento no trimestre passado, cujos índices o país não alcançava há mais de 10 anos.

É visível que o comércio atravessa excelente fase. A venda de automóveis disparou. Nunca se vendeu tanto carro como agora.

Com a facilidade aberta nos crediários e instituições financeiras, ficou fácil a aquisição de bens duráveis. Qualquer pessoa que tenha renda de três ou quatro salários mínimos pode, com um pouco de esforço, adquirir o próprio automóvel. É isso o que se tem verificado nas concessionárias e agências de automóveis. Sobretudo tratando-se de carros usados.

Uma coisa puxa outra. Com os preços do barril de petróleo nos patamares a que chegaram, e continuam a chegar, ninguém pode prever os efeitos finais que o fenômeno pode causar. O que se sabe é que o aumento de preço dos gêneros de primeira necessidade já começa a erodir o orçamento dos assalariados e dos que vivem de orçamentos limitados. Dos pobres, nem se fala. A questão é tão perversa que nem mesmo os países tradicionalmente produtores de grãos deixam de sofrer na pele as mesmas consequências de que padecem os demais países do planeta. A fome ganha dimensões que preocupam a humanidade.

Não afetam o país as medidas tomadas pela ONU sobre a produção de biodiesel ou etanol. Só a energia oriunda de grãos poria em risco a alimentação humana. A fome que grassa em alguns países do globo já seria provocada pelo desvio de grãos para a extração de combustíveis, em evidente prejuízo do sustento do homem. Por causa disso, restrições já foram impostas aos agricultores de países europeus cujas plantações de grãos se destinem à fabricação dessa modalidade de energia.

No caso do Brasil, como tem salientado o presidente Lula, a matriz de geração do etanol vem da cana-de-açúcar. Dada a vastidão do território nacional, com terras de sobra para o plantio de grãos, seria um absurdo pretender acabar com as plantações de cana-de-açúcar para substituí-las por grãos ou vice-versa. Nem mesmo se a Europa e os

EUA acabassem com os subsídios a seus agricultores, como reclamam países do Terceiro Mundo. As grandes plantações de cana-de-açúcar no Brasil são projetadas para a produção de álcool e açúcar sem que acarretem prejuízo aos espaços usados para o cultivo de grãos.

Temos que pôr as barbas de molho. Como aponta qualificada agente do IBGE, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) teve um avanço de 0,79% em maio, deixando para trás os 0,55% do mês anterior. É a maior taxa mensal de inflação desde abril de 2005, quando atingiu 0,87%, também a maior para os meses de maio desde 1996, em que teria alcançado 1,22%. Há rumores de que possa haver aumento de preços a atingir as mercadorias em geral. Mesmo com as perplexidades que prenunciam a economia, temos que acreditar que não seremos pegos com as garras da inflação.

O simples fato de lembrar tempos não muito distantes, em que o país vivia sob o pálio da inflação, dá pesadelo. Quem aplicava dinheiro num dia, no outro sabia que iria colher bons resultados de correção monetária, mas que, ilusoriamente, não pagavam a corrosão do capital. Os efeitos da inflação eram devastadores. O que todos desejamos é que a estabilidade trazida pelo real jamais seja desfeita. Claro, não estamos num mar de tormentas, embora estejamos a receber os primeiros avisos de que devemos nos preparar para as incertezas que ameaçam o horizonte.

Todos nós somos partes desse processo. Sem dúvida que a maior responsabilidade dos ônus recaem sobre os ombros do governo. A hora exige equilíbrio e vigilância. Os primeiros números sobre o aumento da taxa inflacionária são advertências de que devemos estar atentos. Convém não abusar da bonança e ter os pés nos riscos dos desígnios do imponderável.